

PINHEIRO MACHADO

RAUL PILLA

CELEBRA-SE, hoje, o centenário de José Gomes Pinheiro Machado. A sua memória dedicará a Câmara dos Deputados uma sessão, homenagem a que somente os excelsos cidadãos fazem jus.

Pinheiro Machado foi, por certo, um homem pouco vulgar. Durante anos a fio dominou, da sua cadeira no Senado, a política nacional. Dominou-a, não como grande estadista — a República presidencial não cria o ambiente propício ao domínio da inteligência e da cultura — mas como grande caudilho. Quem conheça o enorme poder pessoal do presidente da República, no regime vigente, não pode deixar de pasmar ante a influência que Pinheiro Machado exerceu na vida política, sobrepondo-se não raro ao próprio chefe da Nação. Por isto, a sua ação, apesar de personalista e caudilhesca, pôde, em certas ocasiões, apresentar-se como democrática, já que se antepunha ao despotismo presidencial.

A verdade é, porém, que Pinheiro Machado não passava de um caudilho, de um grande e admirável caudilho, com todos os defeitos desta condição e algumas apreciáveis qualidades pessoais. Eu diria, até, haver êle sido o último caudilho de âmbito nacional, se outras manifestações do fenômeno caudilhesco não tivessem surgido depois. Gerou-se, como é a regra, no fragor das lutas civis. Perturbadora foi, como não poderia deixar de ser, a sua ação. E caiu vitimado das paixões, que êle mesmo acendera e estimulara.

Foi um caudilho, nada mais do que isto. Mas um grande e admirável caudilho. *R. V. 57*